

POTENCIAL INEXPLORADO: ESTUDO SOBRE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS ESCOLAS

SOARES, G, M, L¹. MACHADO, T, P.² MARTINS, C, S, L³. PERES, T, C⁴.

¹Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil –

gustavomachadols@hotmail.com

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – machadothaina96@gmail.com

³Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – claudeteslm@gmail.com

⁴Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil – thaiscantoperes@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar por meio de estudo de caso durante o período do segundo semestre de 2018, em uma escola onde estudei, que mesmo atualmente ainda existem casos de barreiras atitudinais e como elas afetam os alunos em sala de aula. Irei fazer isso utilizando estudo de caso, coletando informações por meio de um diário de registro, entrevista e após isso analisar como é um aula normal de química e se os dois estudantes apresentam alguma dificuldade com a disciplina. Também irei mostrar alguns exemplos de barreiras por parte da professora que pude presenciar enquanto assistia sua aula durante o período (2º semestre 2018) e motivos que pude perceber de uma resistência a mudança na forma dela ensinar. Por fim demonstrei minha opinião sobre o assunto e sobre futuras pesquisas na área da educação sobre a dependência de professores com tutores ao auxiliarem com alunos com deficiência.

Palavras-chave: Barreiras atitudinais, alunos com deficiência, educação inclusiva.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo a respeito das barreiras atitudinais, trabalhada por NUERNBERG (2011), que foi realizado em uma escola de educação básica, na etapa do Ensino Médio, no município de Bagé, RS, escola esta onde, eu, pesquisador conclui meus estudos. De acordo com as barreiras atitudinais Nuernberg clarifica, "é a raiz de todas as demais barreiras, comunicacionais, informacionais, educacionais e arquitetônicas, as atitudes fundam-se em preconceitos, estereótipos que produzem a discriminação [...]". Meu trabalho foi realizado com dois alunos com deficiência, estudantes do terceiro ano, com a finalidade de perceber como encaram sua vida estudantil e quais barreiras enfrentam no contexto escolar. A seguir irei apresentar a metodologia utilizada na realização do trabalho.

2 METODOLOGIA

Este estudo está organizado como um estudo de caso, que consiste num método qualitativo e geralmente, numa forma de aprofundar uma unidade individual. Ele serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado. Foi realizado em uma escola estadual, do

município, por meio de entrevista com anotações em diário de registro de caso onde tive como sujeitos da pesquisa dois alunos do terceiro ano de dezenove e vinte anos, que um apresenta epilepsia generalizada primária, déficit mental moderado e o outro déficit intelectual (fala infantilizada) respectivamente. Neste estudo eles serão designados pelas letras X e Y como forma de preservar suas identidades, foram sujeitos também uma professora desses alunos, da área do conhecimento, da disciplina de química, e a tutora que os acompanha desde o primeiro ano.

Para coleta dos dados usei como instrumento a entrevista e análise dos dados foi utilizada (GIL, Antônio Carlos, 2002). Foi observada uma aula de cinquenta minutos, no turno da tarde. Utilizei o método pesquisas no qual GIL descreve como:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado

3 OBSERVAÇÕES SOBRE O COLÉGIO E AULA

Um dos meus objetivos ao iniciar este trabalho foi avaliar se onde eu pude concluir meus estudos está apto a exercer a função de ambiente inclusivo de educação, que segundo MANTOAN (1997), *“Os ambientes inclusivos concorrem para estimular os alunos em geral a se comportarem ativamente diante dos desafios do meio escolar, abandonando, na medida do possível, os estereótipos, os condicionamentos, a dependência que lhes são típicos, sejam normais ou pessoas com deficiências”*.

Como forma de ambientar-me com a escola pro trabalho antes de iniciar o processo de entrevista caminhei por algumas ruas envolta do colégio, percebi que um fator ruim é o grande desnível, grande número de buracos e pouca, ou nenhuma sinalização pra mostrar a entrada da escola. Por outro percebi um alto nível de auxílio dos funcionários da secretária e da coordenação, onde tratavam os dois alunos como iguais dos outros colegas que estavam tirando dúvidas no dia que entreguei minha carta de apresentação para o trabalho já me mostrando um grande avanço contra as barreiras atitudinais.

Já no meu primeiro dia de entrevista tive a chance de assistir uma das aulas de química do terceiro ano da tarde e avaliar o desempenho de dois alunos e se apresentariam alguma dificuldade na matéria. Toda aula ocorreu naturalmente porém, com algumas falhas da professora em relação a barreiras atitudinais com os alunos que irei reforçar mais a frente. Ao observar que em sala de aula X e Y possuem um grande número de amigos em sua turma e que como relatado pela tutora nunca ocorreu nenhum problema relacionado a discriminação.

Chegando na metade do tempo de aula a professora permite que todos estudarem pois teriam uma prova no próximo horário e com isso com isso pude conversar com a tutora e os dois alunos que entrevistei. Logo após começar a entrevista pude ver que ambos não possuíam nenhuma dificuldade com a disciplina ou sociabilidade com os colegas, sua maior barreira apresentada é a atitudinal mostrada pela professora. Por parte da tutora descobri que como ela os acompanha durante 3 anos eles graças a sua ajuda possuem um grande nível de independência onde ela apenas os observa sem precisar ajudar em sala. Porém ela ainda se vê necessária pra ajudar a professora quando a mesma apresenta dificuldades em tirar dúvidas de X e Y.

3.1 CONHECENDO O CASO

TABELA DE ESTUDO DE CASO:		
Aluno	X	Y
Idade	19	20
Deficiência Física	Epilepsia Generalizada Primária, Deficit Mental Moderado	Deficiência intelectual (fala infantilizada de 5 comparado a sua idade)
Dificuldade em Aula	Memorização em alguns casos.	Não apresenta
Dificuldade na Escola	Não apresenta	Não apresenta
Dificuldade com Colegas	Não apresenta	Não apresenta
Interesse em estudar após Conclusão do Ensino Médio	Apresenta interesse em fazer concurso	Apresenta interesse em realizar o ENEM e prosseguir os estudos no nível superior
Caso de crises	Sim apresenta casos, caso aconteça a tutora informa os pais que o levam pra casa.	Não apresenta casos de crise

Tabela 1: Descrição de características observadas nos alunos com NEES.

Epilepsia (UFSC, 2016): (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2016):

A Epilepsia é um distúrbio do cérebro, não transmissível, em que as atividades das células nervosas são perturbadas. Isso causa uma atividade excessiva e anormal nas células cerebrais, gerando crises epilépticas.

Deficit Mental Moderado (GOMES, 2007):

O Deficit Mental Moderado é quando a pessoa apresenta um quociente de inteligência (QI) entre 35 e 55. Assim, as pessoas afetadas apresentam uma maior lentidão para aprender a falar ou sentar, mas se receberem o tratamento e apoio adequados, conseguem viver com alguma independência.

Deficiência Intelectual (TÉDDE, 2012):

Deficiência intelectual é um termo que se usa quando uma pessoa apresenta certas limitações no seu funcionamento mental e no desempenho de tarefas como as de comunicação, cuidado pessoal e de relacionamento social. Estas limitações provocam uma maior lentidão na aprendizagem e no desenvolvimento dessas pessoas. As crianças com atraso cognitivo podem precisar de mais tempo para aprender a falar, a caminhar e a aprender as competências necessárias para cuidar de si, tal como vestir-se ou comer com autonomia. É natural que enfrentem dificuldades na escola. No entanto aprenderão, mas necessitarão de mais tempo. É possível que algumas crianças não consigam aprender algumas coisas como qualquer pessoa que também não consegue aprender tudo.

3.2 PROBLEMAS ENCONTRADOS

Lendo todas as anotações percebi vários tipos de barreiras atitudinais demonstrada pela professora. Ela mesmo sem perceber tem a tendência a não cobrar do aluno com deficiência as mesmas regras que os outros, uma discriminação velada onde se tem baixa crença no potencial da pessoa com deficiência, já que os alunos X e Y poderiam utilizar consulta nas avaliações mas recusaram e isso demonstra uma grave falha por parte da professora em não acreditar no que eles são capazes de conquistar. E todo momento pude perceber uma falta de domínio em relação a educação inclusiva, não se comunicava com X e Y sem o auxílio da tutora, fazendo perguntas pra ela ao invés deles. Ela me explicou

três razões para não procurar mudar, primeiro é sua falta de tempo por ter uma grande carga horária como professora, segunda é que não existia esse tipo de estudo na sua época de formação e como esta poucos anos de se aposentar não acha necessário ter que fazer esses cursos adicionais e por fim o colégio possui uma tutora pra auxiliar nesse tipo de casos.

Segundo Glat (2007), “[...] é preciso existir o empenho da escola, da família, do aluno com deficiência, e também dos demais alunos, ou seja, dos envolvidos como um todo. É preciso haver nesses envolvidos uma disponibilidade interna para a efetivação da inclusão.” Com isso percebo que o problema de como realizar educação inclusiva em sala de aula está desde a formação de muitos professores que por falta de acesso ao ensino para lidar em sala de aula com alunos portadores de necessidades especiais, apontando para uma falha curricular nos anos anteriores, ou seja, houve uma formação deficiente. Somando isso com um excesso de carga horária que impede muitos de possuir tempo pra realizar qualquer tipo de formação extra vejo o motivo de muitos professores se apoiar a ajuda de tutores no auxílio das aulas. Porém isso remete a mais problemas pois, nem todos colégios e escolas estão equipados para possuírem um número mínimo de professores pro corpo docente mais tutores pra ajudar em salas de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo pude perceber que os estudantes estão realizando um bom meio inclusivo mesmo ocorrendo grandes barreiras atitudinais por parte dos professores. Ainda nos dias de hoje onde a educação inclusiva é tanto debatida temos muito desses problemas aparecerem no local de ensino. Também vejo o desperdício de potencial dos alunos com deficiência que são barrados por falta de incentivo, superproteção ou apenas por subestimar a capacidade dos mesmos pelos professores.

Por fim vejo que existe uma vertente que pode ser debatida em futuros trabalhos em relação aos professores que já estão a muito tempo dando aula e não possuem tempo hábil para realizar oficinas de estudo sobre educação inclusiva e ficam reféns da ajuda de tutores, realizando esse círculo vicioso até suas aposentadorias.

REFERÊNCIAS

- GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ªed. SÃO PAULO: ATLAS S.A. 2002.
- NUERNBERG, Adriano Henrique. Rompendo barreiras atitudinais no contexto da educação especial na perspectiva inclusiva. 2011. 25 slides.
- GLAT, R. Um novo olhar sobre a integração do deficiente. In: MANTOAN, M. I. E. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997. p. 196-201.
- MANTOAN, M. I. E. Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação para professores? In: A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo : Memnon : Editora SENAC, 1997. p. 119-127.

TÉDDE, Samantha. Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão / Samantha Tédde. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012. 99 f.

GOMES, Adriana L. Limaverde Gomes, FERNANDES Anna Costa e MONTAÑA Maria Teresa Eglér entre outros, Atendimento Educacional Especializado Deficiência Mental. Brasília DF Editora Cromos,2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Hospital Universitário. Centro de ciências da saúde. Centro de Ciências da Saúde. Epilepsia: material educativo. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: Acesso em: 31 mar.2016.